



ACTA N.º 15

A redacção da presente acta foi feita a partir da gravação sonora da sessão. Há a referir que, em situações relevantes e não contempladas na gravação, o texto explicativo é apresentado entre parêntesis e a itálico. Quando a má qualidade da gravação não permitir a sua reprodução, a parte da intervenção em falta é identificada com (...).

Aos trinta dias do mês de Junho do ano de dois mil e oito reuniu, pelas vinte e uma horas, no Salão Gago Coutinho da Junta de Freguesia de Santa Maria de Belém sito em Lisboa, a Assembleia de Freguesia com a seguinte ordem de trabalhos:

Ponto 1 - Resposta do Executivo ao pedido solicitado pela Bancada do PCP sobre a resolução dos problemas dos buracos nos passeios no Largo do Galvão;

Ponto 2 - Informação escrita do Presidente;

Ponto 3 - Informações diversas.

Presidente da Mesa: Então boa noite a todos! Vou dar início a esta sessão, que tem como ordem de trabalhos:

Ponto 1 - Resposta do Executivo ao pedido solicitado pela Bancada do PCP sobre a resolução dos problemas dos buracos nos passeios no Largo do Galvão;

Ponto 2 - Informação escrita do Presidente;

Ponto 3 - Informações diversas.

Passo também a indicar as substituições: na Mesa, a primeira e a segunda secretária estão a ser substituídas, respectivamente, por Gonçalo Silvério Marques e por Carlos Ataíde Garcia; na Banca do PSD, o Pedro Saraiva está a ser substituído por Luís Ribeiro Rosa e aguardamos a todo o instante a chegada do Sr. Carlos Cosmelli.

Eu vou abrir como de costume com as intervenções do público e aceitam-se desde já inscrições.

Sr. Afonso Martins, é com muito gosto que o voltamos a ver.

Então, esta informação do Presidente é de que o vogal Nuno Bonneville não se encontra presente devido a doença.

Sr. Afonso Martins...

Afonso Martins: Boa noite a todos!

Eu quero pôr aqui um simples reparo sobre um sinal que está ali no cruzamento da Calçada da Ajuda com a Praça Afonso de Albuquerque. O que é que acontece? Quando fizeram ali aquele abrigo, para os táxis, os sinais que lá estão ficaram por trás do abrigo. E os automobilistas quando vêm, para o lado do cruzamento, sentem dificuldades em ver aquele sinal, que é de estrada com prioridade. Tem havido muitos acidentes porque as pessoas andam à procura de onde está a prioridade. Como entram pela direita. E as pessoas que

assistem a “certas coisas”, e vão ver, de facto, que o sinal está lá. Os automobilistas é que não têm possibilidade de ver ao longe. Porquê? Porque o abrigo está à frente. É só esse reparo. O abrigo que fizeram para os táxis está à frente dos sinais.

(...) Como o senhor entende, os sinais devem estar à frente do abrigo e não o contrário. Porquê? Para que um automobilista que venha naquela rua, ter possibilidades de ver o sinal logo em frente. (...) Da Avenida da Índia, da parte direita. (...) Eu julgo que sim! Porque quando há ali algum acidente, “Ah, eu tenho prioridade, estou pela direita...”, e depois vê-se que não tem.

E era outro reparo, sobre os espelhos ao pé da travessa da Alfândega velha. Acontece que aqueles espelhos, nunca tiveram sossego porque era ali a casa dos bonecos. Aquela casa acabou, já é uma loja de roupas. Acontece que eles estão todos desarticulados e quem regula ali o trânsito, na saída, são as pessoas que passam. E porquê? Porque os sinais estão desregulados e para além disso parece, dá a ideia, que estão queimados de sol. Porque se a gente olhar de frente, não vê nada, vê tudo claro. Porquê? Porque aquilo apanha o reflexo do próprio espelho, para se ver os carros de um lado e de outro.

E pronto, era só isto que tinha para dizer. Obrigado!

Presidente da Mesa: Muito obrigada! Não sei se o Sr. Presidente quer fazer algum reparo sobre isto...

Presidente do Executivo: Muito obrigado! É só agradecer esse alerta e nós vamos ver o que é que se passa e tentarmos melhorar o caso, das duas situações que nos falou. Obrigado!

Presidente da Mesa: Muito obrigada! Eu aproveito para dizer que também não está presente na sala o Sr. Avelino Cibrão, da Bancada do PS.

Não havendo mais pedidos de intervenção por parte do público, vou passar para o período antes da ordem do dia com a aprovação da Acta n.º 14.

Alguém quer fazer alguma referência? Sr. Fernando Costa.

Fernando Costa: Ora muito boa noite! Acerca da acta que me chegou à mão, como é obrigatório e dever. Estive a ler com muita atenção, apesar de eu não ter estado presente na última sessão, no entanto, reparei aqui numas certas situações que vou passar a expor:

Aqui no princípio, na página 1, quando começa a Assembleia, a Sra. Presidente pede desculpa por este pequeno atraso. Dá a entender que a Assembleia começou depois das horas marcadas, que seriam as 21 horas. No entanto, no início da acta diz “Aos dezassete dias do mês Abril do ano de dois mil e oito reuniu, pelas vinte e uma horas (...)”, portanto, há aqui um desfasamento sobre esta situação. Era para rectificar. Deve ter sido 21 horas e...

Depois tinha aqui também outra situação, na página 20, na intervenção, no final da página, da Sra. Presidente da Mesa, em que fala aqui sobre a votação da Rectificação do Protocolo de Delegação de Competências da Câmara Municipal de Lisboa. Em que diz “Quem vota a favor? 9 votos a favor! Quem vota contra? Sem votos contra!” “Sem” de inexistência, não “cem” de numerário.

“Quem se abstém? Com duas abstenções!”. Este Protocolo é aprovado com 9 votos a favor por parte das Bancadas do PSD, do CDS e do PS e com as

abstenções do Bloco de Esquerda e do PCP. O que quer dizer que só houve aqui 11 elementos a votar, quando depreendo de uma votação anterior que estavam cá 13 elementos. Não sei se se tinham ausentado.

Pronto, é isso que me está (...) seria bom acrescentar que (...) pressupõe-se, quer dizer (...) Poderia ter havido uma má contagem na votação, não é? Eu não estive cá, não sei. Não é? Mas uma pessoa que lê que numa votação antes tinham sido 13 votos, nesta 11, está a entender, Sra. Presidente? Por essa razão se calhar seria bom fazer aqui uma adenda pela Presidente da Mesa ou um esclarecimento aqui para que fique isto rectificado. Era só!

Presidente da Mesa: Há mais alguma observação? Mais ninguém? Então neste caso eu vou pôr à votação a aprovação da Acta n.º 14.

Presidente da Mesa: Quem vota a favor? 8 votos a favor! Quem vota contra? Quem se abstém? 3 abstenções!

Está aprovada com 8 votos a favor e três abstenções!

Ainda no período antes da ordem do dia quero dizer que recebi o agradecimento por parte da CGTP em relação às saudações que lhes foram enviadas e também da UGT, União Geral de Trabalhadores. Saudações essas que foram publicitadas no Boletim e no site da Junta.

Quero também agradecer a todos os membros da Assembleia, o terem permitido que, por motivos de força maior, segundo carta dos presentes, esta sessão tivesse lugar hoje, um dia em que não é habitual haver.

Foi feita divulgação expressamente nesse sentido, para que o público pudesse estar presente. E se não temos cá mais público é porque efectivamente não havia disponibilidade para vir.

Antes que haja alguma informação sobre o contrário, devo dizer que a notícia sobre a última Assembleia de Freguesia está no Boletim de Abril, na página 5.

E neste momento são aceites inscrições ainda para este período antes da ordem do dia. Alguma intervenção?

Então passamos de imediato ao Ponto 1, da ordem de trabalhos: “Resposta do Executivo ao pedido solicitado pela Bancada do PCP, sobre a resolução do problema dos buracos nos passeios do Largo do Galvão.

E passo de imediato a palavra ao Sr. Presidente para dizer, de sua justiça, sobre este assunto.

Presidente do Executivo: Obrigado, Sra. Presidente! Boa noite a todos!

Quanto a este ponto da ordem de trabalhos, eu só quero dizer que a situação de alguns sítios mais críticos, no Largo do Galvão, está resolvida.

Já há uns dias, por acaso, tivemos cá uns promotores imobiliários de um prédio que é ali ao lado, de dois prédios que estão mesmo quase em ruína no canto também dessa zona. E vieram pedir para intercedermos junto da Câmara para se avançar com esse processo. Têm tido algumas vicissitudes lá na Câmara. E isso, além da reabilitação dos próprios prédios, vão ficar muito bonitos, segundo o projecto que já tive ocasião de ver, também vai permitir que 3 famílias, que neste momento vivem de forma bastante precária, sejam realojadas em condições dignas, como consequência dessa reabilitação. Eu, tendo recebido essa empresa cá, prontifiquei-me junto da Câmara a fazer alguma força para que esses projectos sejam analisados como deve ser, mas

com alguma celeridade, porque realmente há 3 famílias dependentes disso para poderem ficarem melhor instaladas. E é nessa zona também. Mas quanto a essa situação do piso, a situação está mais do que resolvida neste momento. E era isso que eu queria transmitir.

Presidente da Mesa: Muito obrigada, Sr. Presidente! Algum pedido? Sr. Alves Coelho, por favor.

Alves Coelho: Ora boa noite!

Sra. Presidente, nós ouvimos a explicação do Sr. Presidente da Junta, mas aquilo que foi solicitado, e que está na acta que foi aprovada no início desta sessão, foi um pedido de inquérito que fosse efectuado pela Mesa para saber por que motivo é que os passeios não eram reparados. Não é que já foram reparados.

Era saber porque, de facto, decorreu cerca de um ano e meio, desde o momento em que o assunto foi aqui levantado em Assembleia. E em actas sucessivas das sessões, pode-se ver que o assunto era referido e era sempre arranjado no dia a seguir.

Inclusive, numa das Assembleias, não posso precisar, mas se calhar em Setembro de há um ano, foi feito aqui um desafio para serem apontados, por parte dos moradores, membros da Assembleia, locais onde houvesse buracos para serem reparados, para mostrar a prontidão com que o Executivo resolvia esses assuntos.

Eu de facto até aconselhava fazer um pedido, se calhar, para ver se vão para o Guinness, pela demora das respostas, porque esse assunto demorou quase ano e meio a ser tratado. E o que eu gostava de saber é por que é que não foi tratado, visto que por falta de dinheiro não foi. Basta ver que nas contas aprovadas de 2007, das verbas disponíveis, para reparações de pavimentos, foi gasto sensivelmente 56% da verba existente. Portanto, não foi por falta de meios. Nós gostávamos de saber por que é que demorou tanto tempo. E era isso que tinha sido solicitado à Mesa da Assembleia, que inquirisse.

Não é vir dizer que foi reparado. De facto foi reparado, o buraco, não o passeio, como é evidente, taparam o buraco no dia 9 de Junho.

E o outro que havia em frente, grande, foi tapado há cerca de uma semana. Aquilo demorou um bocadinho da parte da tarde, à pessoa que lá foi tapar o buraco. Era uma obra de grande vulto. E como isto são outras zonas, em que de facto há buracos, há situações que precisavam de reparação e não há cuidado. Havendo dinheiro, é só pagar às pessoas que vão fazer o trabalho, visto que não são os membros do Executivo que vão tapar o buraco.

Portanto, era isso que eu queria, que me explicassem por que motivo é que demorou tanto tempo.

Presidente da Mesa: Muito obrigada! Sr. Presidente, será que nos pode explicar um bocadinho mais em pormenor como é que decorreu este tipo de arranjos na Freguesia?

Presidente do Executivo: Irei tentar fazer o meu melhor, para tentar explicar essa questão.

Antes de mais, eu gostaria só de frisar o seguinte, para a coisa ficar bem

esclarecida: o artigo 13.º do regimento, de facto, diz que a Assembleia tem o poder de fiscalizar as actividades do Executivo e por aí fora. Tem de ser conjugado com o artigo 17.º, n.º 1, alínea e) da Lei 169. Uma lei, superior ao regimento, mas de qualquer maneira não é compatível. Lei 169/99, de 18 de Setembro, com a alteração dada pela 5A/2002, de 11 de Janeiro. Que diz o seguinte: “A competência da Assembleia de Freguesia é acompanhar e fiscalizar a actividade da Junta sem prejuízo do exercício normal da competência desta. E a competência de uma Junta...”, referencia claramente, “...é tratar dessas questões.” E aí vamos nós.

Portanto, posso-vos a informar, aos senhores membros da Assembleia de Freguesia, e tenho muito prazer em lhes transmitir isto, só em 2008 e até à data, já consertámos 762 metros quadrados de calçada.

A Freguesia não é só o Largo do Galvão, por muito que nós tenhamos os nossos familiares a viverem nessa zona, eu dou o mesmo valor a essa zona ou a outras. Não podemos privilegiar, só porque alguém tem lá familiares a viver, ou no 21, ou no 22 ou no 23. Tentamos tratar toda a gente pelo princípio da equidade e da igualdade.

E enquanto eu cá estiver, na Junta, também lhe posso tranquilizar que nunca há de haver falta de dinheiro, enfim, dentro dos limites, para este tipo de trabalhos. Porquê? Nós tentamos ser organizados e gerir esta Junta, como algo que é muito importante, para resolver os problemas de uma colectividade. E, portanto, não é gastar por gastar. É gastar para resolver os problemas e para consertar as situações que precisam ser consertadas. E gostaria de transmitir isso.

Não temos estado parados. Temos estado constantemente, diariamente, a tratar do espaço público, quer das calçadas, quer de outro tipo de situações.

E pelo que eu já referi, isso está resolvido e não temos estado parados, pelos números que acabei de adiantar.

Muito obrigado!

Presidente da Mesa: Muito obrigada! Sr. Alves Coelho

Alves Coelho: A Sra. Presidente não tem nada a acrescentar? Porque eu pedi o inquérito, de facto, foi à Sra. Presidente. Quer dizer, inquérito, se não vai para a acta, não houve inquérito. É a conclusão que eu tiro.

E é evidente que, de facto, o Sr. Presidente mencionou um artigo que é para tratar das questões. É isso mesmo que está em causa, é o não tratar das questões.

Porque a igualdade e a equidade dentro da Freguesia existe, de facto... é que nas zonas degradadas não se tratam das questões que dizem respeito aos moradores.

De facto não é só no Largo do Galvão. O Largo do Galvão serviu de exemplo e era reforçado porque havia moradores que estavam permanentemente junto dos serviços a levantar a questão. Mas de facto, este problema dos passeios degradados é em toda a Freguesia, principalmente nas zonas onde mora a população mais desfavorecida. Basta ir lá ver. E ver o estado em que esses arruamentos estão. E a questão não é a de estar a guardar dinheiro para outros assuntos. É que há verbas específicas para gastar com estas reparações. E elas não são feitas. Não são feitas porque de facto tem havido incúria por parte do Executivo, em resolver os problemas dos moradores. Essa é que é a

questão fundamental.

Lucindo Ormonde: Eu peço desculpa, porque posso estar esquecido e podia não ter estado presente na última Assembleia, quando foi feito o pedido de inquérito. Mas esse pedido de inquérito foi aprovado pela Assembleia? Foi? Peço desculpa...

Presidente da Mesa: Em resposta ao Sr. Lucindo Ormonde porque no momento em que ele ia falar, disse que sim.

Agora pedia era ao Sr. Presidente se, por acaso, não tem uma relação do trabalho que tem sido feito pelos funcionários, a quem está adjudicado este serviço. Para nós termos a certeza que, efectivamente, é um trabalho que tem vindo a ser feito com regularidade e que tem tentado dar resposta, aos vários espaços degradados, ou mais degradados, dentro da Freguesia.

Presidente do Executivo: Sra. Presidente, obrigado!

Houve aqui um equívoco. Vamos lá a ver se eu me consigo fazer entender. Primeiro, não eram 2 buracos, eram 3 buracos. Era um mesmo em frente à porta, outro do lado direito e outro em frente, ao pé de uma casa em ruínas que está em obras.

Obviamente que nós tentamos agir sempre com um bocado de cuidado, porque isto mete dinheiros públicos. E, desculpem lá, dinheiros públicos são como se fosse o meu dinheiro. Tenho muito cuidado com isso. E portanto, estar a mandar os homens arranjar coisas que é para depois ficarem logo degradadas, a seguir, porque está um prédio em construção logo ao lado, isso não faço. Por acaso, como era uma esquina, mandei arranjar, não obstante estar lá um prédio degradado. Porque é uma zona de passagem de muita gente e privilegiei, mesmo assim, a segurança. Isso mandei fazer! E eu estou a falar do que eu sei. Porque eu vou lá, vou lá ver os assuntos. Portanto, não eram 2, eram 3.

E posso-lhe dizer que, sim senhor, só foi à segunda ou à terceira vez porque às vezes tenho alguma dificuldade de comunicação com o empreiteiro. Que às vezes tem algumas dificuldades em perceber. Quando se fala com ele sobre algumas questões, tem de ser sempre com bonequinhos e com os papéis.

Realmente, no princípio arranjou uma coisa e deixou outra porque estava um carro estacionado também lá em cima. Via-se pouco aquela parte do passeio, era difícil, porque estava um carro lá estacionado.

Agora, essa parte é uma zona realmente bastante degradada. Tem casas que estão neste momento em construção. E mesmo ao lado de uma dessas casas, como é evidente, eu não fui gastar dinheiro num passeio que é para estragar, já de seguida, porque estão a fazer obras.

Agora, o essencial, à frente de portas de prédios que estão habitados, nas esquinas, isso foi feito. E quem não quiser acreditar, é mentiroso. Porque eu fui lá ver e está sim.

Há bocado não devem ter ouvido bem. Eu disse que até agora, 762 metros quadrados. Vejam o que é que isto dá. É muita pedra para ser feita. Agora, digam-me onde é que há coisas muito degradadas, excepcionalmente perigosas que falem arranjar. Falta sempre qualquer coisa para arranjar, como é evidente. Mas como eu já disse, nós nunca estamos parados. Estamos

sempre a funcionar. Portanto, isto tem de ser ao longo do ano, ir consertando as coisas. Agora, o que eu estou a dizer é que temos a situação perfeitamente controlada e, neste momento, eu não tenho na minha cabeça nada presente que seja muito urgente consertar.

Estão umas situações que precisavam de ser arrançadas. Que eu também mandei regularizar referente a pilaretes, alguns casos em que era urgente.

Referente a pedras da calçada, eu próprio e os meus colegas vamos ver. E vamos falando connosco e vamos mandando consertar. São situações que vamos vendo ou quando nos denunciam essas situações. Eu faço aqui uma volta semanal, de mota, pela Freguesia, para ver os passeios. Eu faço isso! E portanto eu sei do que é que estou a falar.

Não sei o que é que querem mais. Querem desmanchar aquilo e pôr lá outra vez? Bem, isso fazia-se em África, antigamente, para se conseguir ter trabalho, as brigadas de estrada, para conseguirem arranjar trabalho. Mas não é esse o objectivo aqui. O objectivo aqui é resolver situações que estão estragadas nos passeios.

E isso, neste momento, desculpem lá, digam-me onde é que há situações assim tão más que seja preciso ir lá já amanhã. Tomamos nota e amanhã vamos já tentar colmatar essas situações. Neste momento não tenho conhecimento delas. Quando temos conhecimento, actuamos de imediato. Aliás, é uma marca nossa, quer dizer.

Obrigado!

Presidente da Mesa: Muito obrigada! Só uma pergunta ao Sr. Presidente: com que periodicidade é que o senhor que arranja os passeios o faz? Está a tempo parcial na Junta. Como é que é? Isto é só para termos uma ideia da quantidade de trabalho que tem sido desenvolvido.

Presidente do Executivo: Sim, é tipo prestação de serviços. Nós não temos nenhuma periodicidade certa. Quando é preciso mais trabalho, ele próprio arranja mais gente ou nós recrutamos outras entidades. Mas geralmente é uma pessoa que vai arrançando, caso a caso, as coisas à medida que vá havendo necessidade disso.

Eu tenho o cuidado de pelo menos semanalmente, eu dou uma volta e verifico sempre o que é que há, para fazer o ponto de situação. O meu colega João Carvalhosa tem a tutela também e portanto é um trabalho que tem sido diário. Quase todos os dias. O empreiteiro que arranja este tipo de trabalhos nos passeios, está a trabalhar, quase todos os dias. Se não é todos os dias. E não trabalha só para nós, trabalha para outras entidades. Mas como nós somos um pouco chatos, estamos sempre em cima dele e vamos sempre pressionando.

Mas posso-vos dizer que até à data, só para terem uma pequena ideia: Largo do Galvão, 21; Rua Jerónimo Osório, 14; Rua dos Jerónimos, 3 até ao final da rua; Rua da Junqueira 43, 191, 223, 235, 284, 386, 432. São tudo trabalhos que foram feitos agora. Rua Alexandre Sá Pinto, n.º 11, 33 e 35 junto à escola; Travessa da Pimenteira, n.º 12; Travessa das Galeotas; Travessa de Santo António a Belém, n.º 1 a 3; Bairro de Belém, Rua 6C, Rua 4; Bairro da Escola, junto ao n.º 5; Bairro de Belém, Rua 8, n.º 2, 6, 10 e Rua 12; Bairro de Belém 21, junto ao n.º 3; Bairro de Belém, Rua 15, junto ao n.º 2, 5, 9, 12, 14, 16, 20, 26, 28; Rua do Embaixador, 5, 9, 45, 57, 80, 134, 188; Bairro de Belém, Rua 6, n.º 9;

Bairro de Belém, Rua 9, n.º 12; Bairro de Belém, Rua 3, junto aos ecopontos; Praça Dr. Alfredo Cunha, n.º 4, 6, 8, 9; Largo do Figueiredo, n.º 1C ao n.º 8; Rua das Pedreiras, n.º 3 e n.º 16; Largo do Galvão, outra vez, n.º 14; Travessa do Galvão, um bocadinho mais ao lado, n.º 6; Rua do Galvão, mais ao lado, 7A; Calçada do Galvão, que é outra que sobe, 5, 6, 11, 23, 27, 37, 39, 41, 45, 173. Isto é só na parte já dos buracos. Ainda não estão todas integralmente feitas. Mas são estes papéis. E por acaso ainda ontem actualizei os bonecos, para outro tipo de situação. Mas são estes papéis que nós damos ao empreiteiro e que pedimos, consoante a situação, urgência. Às vezes não são assim tantas, são menos. Só estou a dar um exemplo mais recente, que foi este.

Portanto, não se pára! Aliás, ele está constantemente a trabalhar. E era só isto que eu queria dizer. E acho um bocado, não queria dizer que é ridículo, porque acho que é desconhecimento. Realmente só quem tenta de alguma forma, eu não digo atacar, mas tentar dizer que a Junta não faz nada, neste domínio, não ponho a questão da má fé, como é evidente, mas só por desconhecimento, é que pode dizer uma coisa dessas. É que não dá a volta à Freguesia toda, está só confinado a uma zona durante muito tempo. E não se dá conta que isto é uma coisa global, que nós tentamos sempre arranjar. Temos uma perspectiva de conjunto. Agora, temos perfeitamente a consciência de que não existem problemas deste género na nossa Freguesia, graças a Deus. Temos atacado e para já ainda temos verbas para isto. Não é por isso.

Portanto, digam sítios que existem mais gritantes que nós iremos lá, como é evidente. Todas as ajudas são importantes.

Obrigado!

Presidente da Mesa: Muito obrigada! Sr. Eduardo Lopes...

Eduardo Lopes: A questão que eu quero pôr é a seguinte: Parece-me que há aqui qualquer coisa que está deslocada. Porque aquilo que foi feito aqui, pedido, foge à rotina de saber se o buraco, ali, está feito ou não. O que aqui foi feito, e isto implica uma crítica, um bocado, à Mesa. Foi pedido à Mesa da Assembleia para fazer um inquérito, não foi? Não foi pedido à Presidente da Mesa da Assembleia para dar a palavra ao Sr. Presidente, para fazer um discurso sobre aquilo que normalmente é comum fazer, acerca das pequenas reparações, aqui no bairro.

Quando se propôs aqui, e esta é a minha maneira de ver, que fosse feito um inquérito, e um inquérito nunca é a pessoa que vem aqui fazer, como se fosse o trivial, dar as respostas, que não deveria ser. A meu ver deveria ser a Mesa da Assembleia que faria esse inquérito, que chamaria as pessoas, se iria munir das informações que queria, iria perguntar ou reuniria uma comissão para ir fazer esse inquérito. Parece-me que isso é que era a lógica de chegar aqui e pedir em Assembleia de Freguesia, ordinária, não sei como é que se diz, pedir para fazer (...)Eu acho que deveria ser a Presidente da Mesa que deveria promover esse inquérito. E não o Sr. Presidente vir aqui muito trivialmente dizer, tal como “espelho, espelho meu, não há ninguém mais bonito que eu...” e tal. Isso, a gente já está farto desse tipo de discurso. O que a gente queria realmente é que fosse feito o inquérito. Perguntassem por que é que demorou tanto tempo, por que é que não foi feito em tal data. Era isso que eu estava à espera de ouvir hoje aqui.

Presidente da Mesa: Sr. Eduardo Mateus Lopes, se olhar para a página 12 da acta que já foi aprovada. ..quando é a Presidente da Mesa a falar, no segundo parágrafo, isto foi posterior à interrupção que houve aqui na sessão em que pedi aos vários presentes a sua opinião sobre o assunto. E está referido em acta “A Mesa entende que este assunto...”.

Aliás, eu vou começar desde o princípio que é para os que não têm a acta, à frente, poderem perceber convenientemente de que é que estamos a falar: “Vamos retomar os trabalhos. Estivemos aqui a trocar opiniões no sentido de ver o que está salvaguardado no regimento e a melhor forma de podermos dar seguimento ao pedido que nos foi apresentado pelo membro do PCP, José Alves Coelho. A Mesa entende que este assunto deve figurar na ordem de trabalhos da próxima Assembleia que vai ser no mês de Junho. Portanto, nessa Assembleia nós deveremos ter já uma resposta do Executivo ou um relatório sobre este assunto, de forma a poder esclarecer, não só os membros da Assembleia, mas o público em geral sobre as questões agora levantadas por esse documento. Mais algum pedido de informação neste período antes da ordem do dia? Não há mais pedidos de informação? Podemos entrar na ordem de trabalhos”.

Aquilo que se estabeleceu entre a Mesa e o Presidente do Executivo foi no sentido de, efectivamente, nos ser transmitido todo o trabalho que tinha sido desenvolvido pela Junta de modo a dar andamento a este arranjo dos passeios. Que é um problema recorrente nesta Freguesia, mas também nas outras mais de 50 freguesias que existem na cidade de Lisboa.

Este é um problema que infelizmente decorre na nossa cidade, na forma como nós temos organizados os passeios, do tipo de solo que aqui existe, de todas as flutuações que tem havido ao longo dos anos, com os carros a passar cada vez mais sobre os passeios. E parece-me que, efectivamente, este é um problema que não decorre apenas aqui na nossa Freguesia, mas em toda a cidade de Lisboa.

Aqui na Freguesia vizinha, de Algés, já estão a fazer substituição dos passeios por passeios de cimento ou por aquela coisa a imitar calçada.

A maior parte das grandes cidades europeias, já aderiu também a este tipo de passeios.

Nós temos muito orgulho neste tipo de passeios mas, efectivamente, é um problema que não é da Junta de Freguesia de Santa Maria de Belém. É um problema que tem a ver com a cidade de Lisboa.

Foi neste sentido que eu, na condição de Presidente da Mesa, solicitei ao Sr. Presidente do Executivo que me desse conhecimento da forma, não só, como habitualmente decorrem estes trabalhos como também de todo o trabalho que tem sido feito. Porque, pelos vistos, muitas vezes nós não temos conhecimento daquilo que é feito pelo Executivo. Porque há coisas que são consideradas assuntos de ordem corrente. E que foi aquilo que eu aqui ouvi, foi o que se passa a nível dos passeios. Isto já é de tal maneira recorrente que entra no procedimento habitual, em relação ao senhor que faz os arranjos dos passeios. Isto era só para responder ao Sr. Eduardo Lopes. No sentido de que a forma como está a decorrer a Assembleia não atropela aquilo que foi dito na última Assembleia de Freguesia.

Por esta última ressalva parece que tem havido grandes preocupações, a nível

do arranjo dos passeios, em vários pontos da Freguesia, não apenas em alguns locais ou circunscritos a uma determinada região, mas em vários pontos da Freguesia.

Lucindo Ormonde: Eu peço desculpa mas preciso de ser esclarecido novamente. É por causa do buraco do inquérito ou do inquérito do buraco. Mas eu gostava de perguntar novamente, porque eu não vejo isso aqui na acta. Foi-me dito que houve um pedido de inquérito. Essa moção foi votada, por quantos votos? É que eu não vejo isso em lado nenhum. Foi admitida com quantos votos? Então não foi votada, não foi aprovada. Estamos a discutir aqui o quê? É que o pedido de inquérito tem de ser formalizado. Tem de ser aprovado. Tem de ser admitido, tem de ser votado. Estamos a discutir o quê? Estamos a perder tempo com buracos, é isso? Então eu faço aqui um buraco.

Presidente da Mesa: Foi um assunto que foi referido. Foi um assunto que foi levantado aqui à Assembleia e que se entendeu que este assunto deveria figurar nesta ordem de trabalhos.

Lucindo Ormonde: Não estamos a falar nisso. Estamos a falar do pedido de inquérito.

Presidente da Mesa: Mas esse assunto já está ultrapassado.

Lucindo Ormonde: Não, não! É um direito, mas tem que ser votado aqui. No propósito de ser admitido ou não ser admitido aqui para a Assembleia. Não se pedem inquéritos por qualquer coisa. Porquê? Porque tem de ser admitido, tem de ser aprovado. Agora qualquer um pede inquéritos, sem mais nem menos.

Presidente da Mesa: Sr. Fernando Costa...

Fernando Costa: Desculpem lá estar a entrar em diálogo, que não é meu costume. Não gosto de estar numa Assembleia e entrar em diálogo. Mas entrei precisamente para esclarecer que é do direito de qualquer membro, tem todo o direito, qualquer membro desta Assembleia, pedir à Mesa para fazer um inquérito sobre determinada situação. Não há necessidade de ser votado, não há nada disso. Todos nós temos direitos. À base do regimento desta Assembleia, os membros desta Assembleia têm direito a isso. (...) Tem que ser quê? Mas a que propósito? Não, não! É dirigido à Mesa directamente. Não precisa de haver votação de ninguém.

Presidente da Mesa: Sr. Presidente.

Presidente do Executivo: Posso? Muito obrigado, Sra. Presidente.

Fernando Costa: Desculpe! Já agora que entrei nesta discussão, sem querer, era também só para dizer que foi dado aqui um certo ênfase às reparações dos passeios, desta Freguesia, que continuamente têm buracos. Só queria dizer que o ênfase que se deu, "já foram reparados 762 metros quadrados", não é questão de se dar ênfase.

Desculpe, Sr. Presidente, eu estive há anos nesta Junta de Freguesia, como sabe, era eu que tinha o pelouro, e o senhor até um dia me chegou aqui a elogiar pela prontidão com que um buraco que estava lá à frente da sua porta, foi reparado e não sei que mais.

762 metros quadrados não representam nada, desculpe. Eu sei o que isso é porque o empreiteiro trabalha sempre por metro quadrado, embora o buraco tenha ali 50 centímetros, debita ali no mínimo um metro quadrado. Portanto, 762 metros quadrados não é assim grande coisa.

Agora, a quantidade, conforme depois prestou, aí sobre as ruas, os sítios onde foi, isso é que tem interesse. Não é a quantidade dos metros quadrados. O que interessa realmente é a quantidade de sítios onde se fizeram as reparações dos buracos. Porque por metro quadrado isto acaba por ser muito pouco. Era só!

Presidente do Executivo: Posso?

Presidente da Mesa: Sim, Sr. Presidente...

Presidente do Executivo: Muito obrigado! Bem, eu já nem vou discutir a questão dos preços, porque aí... Nós estamos em 2008. Se eu lhe disser que em 2008 nós temos um preço por metro quadrado mais barato do que havia em 2001, nesta Freguesia, então já não diz mais nada. Nós hoje conseguimos 6€, o metro quadrado, os senhores em 2001 era 12.5€. Era o dobro. Portanto, já nem vou por aí. Se calhar ainda nos deviam agradecer porque realmente nós conseguimos um belíssimo preço, 6€, por metro quadrado. Na cidade de Lisboa não me lembro de mais ninguém que tenha isso, a não ser São Francisco Xavier. (...) Dois contos e quinhentos são 12.5€. Em conta é 5€. Estamos a falar sobre isso e aqui estamos já conversados, não é? Nós temos a menos de metade o preço por metro quadrado. Isto que fique registado na acta. Porque é muito importante e tenho elementos de prova sobre isso.

Temos sido formiguinhas a trabalhar. Temos baixado os preços. Obrigamos os homens a baixar os preços e digo-lhe que nesta cidade não conheço ninguém que tenha um preço destes.

Agora, o que eu lhes queria dizer é o seguinte: no dia-a-dia, telefonam para a Junta, quer da Câmara, ao abrigo da delegação de competências (...)

Posso falar, Sra. Presidente? Não me queriam deixar falar.

Telefonam da Câmara de Lisboa muitas vezes a falar da situação A, B ou C. Isso é diário. E nós diariamente, aliás os funcionários sabem disso, alertamos para isso, metem-nos o documento à frente, eu ou aqui o meu colega, o Dr. Carvalhosa, que tem esse pelouro mais directamente, falamos com o empreiteiro e vamos lá ao local. Estamos perfeitamente à vontade. Sabemos que tem sido feito. Eu próprio quando vou a andar na rua, vou sempre a olhar para o chão e sei lá mais o quê. Eu sei como é que a Freguesia está e não me envergonha nada, nada. Há de haver sempre buracos. Pois há. Mas à medida que eles vão surgindo, nós vamos tapando. É isso que nós temos de fazer para que o ambiente urbano continue tão bom como tem sido até agora. E de maneira que também já tem acontecido, muitas vezes, pessoas ligarem e depois irmos lá ver e não é bem assim, exageram. Ainda no outro dia tivemos aí um caso que, obviamente, depois não pudemos dar provisão àquilo, também

não podemos autorizar tudo. Nós precisamos de ir ver ao local. Porque as pessoas alertam-nos e não é coisa imediatista, “vá lá ver aquilo e arranje!”. Não! Mando lá o homem mas também lá vou. Eu ou o Dr. Carvalhosa, verificar no antes e depois, para ver se ficou bem arranjado. Porque às vezes as situações, infelizmente, não são como nós gostaríamos e de uma forma ou de outra às vezes as coisas não correspondem à verdade. Era só isso que eu queria dizer. Muito obrigado!

Presidente da Mesa: Muito obrigada! Sr. Alves Coelho, tinha-me pedido a palavra.

Alves Coelho: Ora bem, Sra. Presidente. É evidente que o assunto dos buracos é um assunto recorrente, aqui como em todas as Freguesias. E todos os dias não-de aparecer buracos. A questão que foi aqui levantada, e essa é que era a questão de fundo, foi o tempo de resposta, que foi exagerado. Porque aquela relação que me estão a dar aqui, não quer dizer nada. Se calhar são os buracos que foram reparados agora, todos juntos, quando deveriam ter sido reparados gradualmente, à medida que se ia levantando as questões. Porque como sabe perfeitamente, este assunto dali, como da Rua Alexandre Sá Pinto, etc., foi aqui levantado inúmeras vezes ao longo do último ano. E levaram mais de um ano para resolver essas situações. Essa é que foi a questão.

Quanto à questão preço / qualidade, eu penso que é importante ver isso, mas não podemos estar a falar só no preço que levam em si, tem que se ver o tipo de reparação. Aí é que tem de se comparar. Porque eu posso pagar menos, mas o homem tapa o buraco, tapa mal e no dia seguinte ou daqui a uma semana existe lá novamente a pedra que saltou. Portanto, eu acho que só dizer que baixámos o preço, pode não ser um bom acto de gestão. É preciso ver se, de facto, a baixa de preço tem a ver também com a qualidade da reparação.

Porque há zonas onde, e nós vemos isso, o buraco é tapado...também há questões, eu penso que aqui na Rua de Belém isso passa-se muito com o tipo de passeio que vai muitas vezes abaixo e tal. Sei perfeitamente, e que são os ratos. Eu sei desses problemas. Agora, uma coisa é buracos que aparecem devido a contingências (...) Sim, aqui também há ratos, era isso que eu via há bocado. Está ali uma ratoeira! (...) Diga? Sim! Antigamente havia o gato que ia comer os ratos. Afugentava-os. Agora não têm gato, têm ratoeira. Mas é normal e tal. Mas aqui em Belém penso que há muitas ratazanas e que escavam cavidades que depois aquilo abate e tal. Mas há outras situações que não são essas.

As situações que foram levantadas aqui, ao longo do último ano, quer no que diz respeito à zona de Alcolena, como na zona ali da Alexandre Sá Pinto, eram situações de pedras que saltavam, que eram removidas, e que quanto mais tempo se demorava, mais pedras iam sendo removidas. E zonas onde quem mora são moradores de elevada idade e que têm dificuldade de se deslocarem. Essa é que foi a questão de fundo. Foi o tempo. Não são as reparações. Isso não está em causa. Como é evidente, quando a questão era levantada, não se pretendia que na semana seguinte estivesse resolvida. Mas uma coisa é um tempo razoável, e não houve tempo razoável. Quem tiver dúvidas consulte as actas. Mais de ano e meio. Esta é que era a questão de fundo. E esta não está ultrapassada com 700 metros quadrados. Isso não me

diz nada. Eu posso reparar 700 metros quadrados durante um ano, como posso reparar num mês. A questão é essa! Não, inquérito não houve, já chegámos à conclusão que a Sra. Presidente não o fez. Tudo bem! Mas agora não é vir aqui o Sr. Presidente dizer que fez isto, fez aquilo e tal. Tudo bem! Pode ter tapado os buracos todos. Isso não implica que não tenha tido buracos a ser denunciados aqui, não eram buracos pequenos. Buracos com extensões de passeio com mais de um metro de extensão. E com as pedras já todas no ar. Aqui, sistematicamente a serem apresentados e o problema nunca era resolvido. E a argumentação é sempre esta: “Com muita rapidez vamos logo resolver!”. Antes o Sr. Presidente passava a correr, agora é de mota. Deve passar muito depressa. Não vê os buracos, os carros estão estacionados. Duvido que a passar de mota veja os buracos. Os carros estão estacionados e encostados. Mas isso é ao pé de sua casa, aí vê os buracos.

A Freguesia começa ali no início de Algés e vai até ali à Lusíada. E para cima vai até lá acima a São Francisco Xavier.

Anda a passear muitas vezes o cão para muitos lados. Antes era a correr. Eu disse que corre muito depressa. Agora de mota ainda mais depressa é.

Presidente da Mesa: Sr. Alves Coelho, agora deixe-me só falar um bocadinho.

Alves Coelho: Eu estava na brincadeira. Também temos de levar a coisa para o divertimento, não é?

Presidente da Mesa: Exactamente! Eu penso que estamos aqui com duas questões que devem ser postas um bocadinho de lado.

Uma é a questão do preço. Os preços que se praticavam há uns anos atrás não têm rigorosamente nada a ver com os que se praticam agora. Grande parte dos preços em alguns casos baixaram, outros aumentaram. A conjuntura é totalmente diferente e portanto consoante o tipo de produto ou o tipo de serviço, de que estamos a falar, pode ter havido oscilações significativas.

Por outro lado, não podemos deixar também esquecer, e ainda agora o Sr. Alves Coelho falou nele, do aumento do volume de trânsito que tem havido, e que aqui, cada vez mais, faz com que os carros pululem, quase a 100%, das 24 horas do dia, nos passeios. E portanto, se calhar nós aí também temos um dano. Um prejuízo em relação aos passeios muito mais acelerado, muito mais forte, do que era há 10 anos atrás. E isso acontece, infelizmente, em todo o lado.

E uma das grandes, das minhas batalhas, em relação, não só a esta Freguesia, mas em relação ao civismo, da maior parte dos portugueses, que se esquece que os passeios são para os pedestres e as ruas são para os carros.

Fazendo só este reparo, lembramos que, efectivamente, nós temos de repensar em termos conjunturais aquilo que nós estamos a falar.

Eu vou dar a palavra a quem, muito melhor do que eu, sabe disto, porque é economista, Luís Ribeiro Rosa.

Luís Ribeiro Rosa: Isto é só para dar uma achega, penso que o Sr. Alves Coelho já falou e na sequência do que o Fernando Costa tinha dito.

Metros quadrados não é importante, acho que é fundamental. Não vamos

esquecer que não é só a porta, são os metros quadrados que se fazem. E é por aí que se medem, é uma medida. Agora, o metro quadrado, acabou de dizer há pouco, eu só quero sublinhar. Uma medida é um mês, outra coisa é um ano. Quando falamos em metros quadrados é muito, se estivermos a falar de um mês. Se for num ano é pouco. E tudo depende também das necessidades.

Agora, vamos ver, para além disso, temos de ver as necessidades efectivas do arranjo onde deve ser feito. Alguns acham que está menos numas zonas, outros se calhar acham que está bem noutro lado. Enfim, obviamente o que chama à atenção, e todos nós sabemos, é onde está mal.

Nem sempre somos rápidos para fazer as coisas na altura certa, como gostaríamos de fazer. Porque também há outros buracos para tapar noutros lados. E eu aí dou um bocado o benefício da dúvida em tudo isto, porque eu vejo buracos em todo o lado da Freguesia, infelizmente. Embora sinta que eles vão sendo, como é recorrente, cobertos com o trabalho devido.

Agora metros quadrados é tão importante...depende da medida que for feita.

Os lugares onde são feitos, é extremamente importante também.

O custo é tão importante como a qualidade.

Mas eu recuso-me a ir fazer um inquérito para ver se é o custo, se é a qualidade. Temos é que fazer todos, um esforço, em conjunto. E todos colaboram. Este senhor (*referindo-se a Afonso Martins presente no público*), por exemplo, tem dado uma grande achega em termos de aviso onde as coisas não estão bem feitas, etc.

Todos nós temos uma, como moradores desta zona, responsabilidade muito grande nesse aspecto. Tapar os metros quadrados que estão esburacados.

Agora fazer inquéritos sobre isso não me parece bem. Alertar, sim! E quando as coisas não estão bem dizer aqui que não estão bem. Mas por que é que as coisas não estão? E há uma resposta.

Agora, no futuro, penso que já estão todos bem consciencializados para isso, podemos estar ainda mais, vamos tentar, vamos unir as mãos nisto, porque estar a arranjar um problema à custa de buracos. Há coisas mais importantes para andar a debatermos. Os buracos são importantes para a saúde das pessoas porque as pessoas podem cair, podem-se magoar e está à vista. Mas também há outras coisas importantes. Agora, fazer um inquérito, estarmos aqui a perder uma Assembleia inteira só para falar de buracos que já estão resolvidos, que eram aqueles casos concretos. Por amor de Deus, vamos agora tentar resolver e tapar os buracos que faltam.

É isso que eu peço ao Executivo da Junta de Freguesia, que tape os buracos que faltam. Com qualidade, pois!

Presidente da Mesa: Não, eu ia perguntar se havia mais alguém inscrito. Espere aí, o Sr. Presidente já tinha pedido a palavra...

Presidente do Executivo: Era só para dizer o seguinte, eu até acho que é interessante para os membros da Assembleia de Freguesia, vou fazer um convite, convidar-vos um dia destes, aliás, até para saber como é que o trabalho é feito e como é que é feito com boa qualidade, se mete mais cimento, mais areão. É interessante, faz parte da cultura geral. E eu faço, já fiz isto, também não me caem os parentes na lama, nem aos senhores membros do Executivo, que queiram vir assistir a um trabalho desses. Um dia destes,

quando o nosso empreiteiro estivesse a fazer aqui uma obra de intervenção, gostaria que viessem ver. Porque há muita gente que diz: “Ah, faz mal o trabalho, corta na areia, corta naquilo, corta no *acoloutro*”. E deviam ir ver como é que se faz. Ele até gosta de ensinar, o Sr. Cristiano, “mete aqui, mete *acoloutro*, depois passa aqui...” É engraçado. Eu convido-os já. Ficam já convidados todos.

É interessante, já que isto teve honras até quase de inquérito, que é coisa que eu não percebo, porque legalmente é impossível, porque é uma actividade recorrente de uma Junta de Freguesia, de um Executivo, não é passível de inquérito.

Mas tudo bem! Acho que realmente se as pessoas estão interessadas, e acho muito bem, porque isto faz parte da nossa vida, do dia-a-dia, um dia destes combinamos numa acção em que o Cristiano esteja a arranjar. Até com um sinal de obras da Junta e tal. Combinamos e vamos lá assistir àquilo. E é bonito, mostra que estamos todos interessados em resolver os assuntos e vermos, de facto, como é que as coisas são feitas. E não estarmos aqui a levantar suspeições ao grupo profissional do nosso prestador de serviços, que faz o seu melhor e que é constantemente acusado de fazer mal as coisas, e que fica logo tudo estragado e que anda a roubar na prática, porque mete menos cimento, ou menos pedras, ou menos areão, ou sei lá mais o quê. E as pessoas ficavam a saber melhor como é que as coisas se processavam. E até podiam depois falar um pouco melhor sobre essa matéria. Pelo menos nesse aspecto já sei.

Outra questão que também era importante, eu aqui sou o único jurista. Era bom sempre ter algum apoio jurídico, nos respectivos agrupamentos políticos porque realmente, às vezes, se podiam evitar algumas figuras não tão correctas.

No entanto acho que era uma questão boa para as pessoas, acho que é sempre bom prepararem-se um pouco quando vêm para uma Assembleia de Freguesia. Para falar de um inquérito numa situação destas, mais ou menos regular, é um bocado caricato.

Muito obrigado!

Presidente da Mesa: Sr. Presidente, está explicado! Eu propunha era uma coisa ao Sr. Presidente. Que eventualmente poderia tentar-se estabelecer alguma articulação com as escolas aqui da zona, no sentido de se promover a defesa dos passeios e como é que se pode evitar, se calhar, mostrar o tão danoso para os passeios na nossa Freguesia.

Presidente do Executivo: (...) Nunca está a 100%, como é evidente. Mas desculpe lá, não tenho, neste momento, presente nenhuma intervenção de fundo que seja necessário fazer. Está a situação perfeitamente estabilizada. Agora, se falar daquela coisa que houve ali ao pé do CCB, foi uma conduta, houve ali uma racha que derramou de repente aqui há uns dias (...)

Presidente da Mesa: Sr. Presidente, eu ia falar nisso, mas nem vale a pena. Quem é que me tinha pedido a palavra? Sr. Eduardo Lopes.

Eduardo Lopes: É muito rápido! É uma questão sobre os buracos, ainda, mas

eu vou ser rápido.

E a questão é esta: o que está em causa aqui é a qualidade do trabalho! Eu não tenho dúvidas sobre isso, não tenho dúvidas sobre a qualidade do trabalho. Não estou a dizer que os senhores façam batota, que os senhores façam batota ou não façam batota. O meu pai era fiscal da Câmara Municipal de Lisboa, no posto do Bom Sucesso. E sei bem como é que as coisas se faziam. E nunca se pôs cimento. O cimento é agora, porque antigamente não se punha cimento em lado nenhum. A terra era batida, era molhada, era batida, era posta, na terra, era calcetado à mão e não saía. Não saía!

E mais: o motivo pelo qual os buracos se desfazem é que com o tempo em que sai uma pedra e do tempo que leva a execução, caem mais 30. Continua a cair porque não vêm atacar logo. Porque se atacassem logo, no intervalo de tempo como aqui tinha sido pedido, que tinha sido dado como um inquérito, é evidente que vai uma pedra, e depois vai outra, e quando uma salta as outras todas ao lado vão logo.

Presidente da Mesa: Olhe, eu gostava imenso de concordar consigo.

Eduardo Lopes: Deixe-me acabar, é rápido!

E depois a outra parte que eu queria dizer. A questão de haver uma campanha, eu, também, acho que sim. Eu lembro que já uma vez, aqui, em princípio, eu disse que o Boletim deveria servir para fazer este tipo de campanhas, o tipo de educação. E quando eu disse isto, não queiram saber, a educação. Foi como se dessem uma argolada aí em alguém.

Presidente da Mesa: Em relação a isso eu vou-lhe dar uma resposta: se calhar a melhor campanha não é no Boletim mas é nas escolas. O seu vizinho aí do lado sabe perfeitamente que muitas das coisas que nós passamos através dos nossos alunos chega mais rapidamente e mais facilmente aos pais e aos vizinhos do que por outra maneira.

E eu não concordo com aquilo que disse, em relação a que hoje se faz muito pior, possivelmente não se faz tão bem. Mas não se faz tão bem, não só os passeios, como tudo o resto. Porque vivemos numa outra sociedade com outros interesses, com outras preferências e com outras coisas.

Além disso, todo o equipamento urbano que nós temos, já está com um gasto de mais, não sei, de 40 anos, 50 anos, sobre aquilo que já existia.

E eu volto a insistir que eu acho que o grande problema aqui é, sem sombra de dúvidas, os carros que estacionam sistematicamente em cima dos passeios. E por outro lado, todo o aluimento de terras que tem acontecido nos últimos anos e que, com chuvas, com as construções de novos prédios, com as construções dos parques subterrâneos, e tudo isso, vai motivando movimentos.

Não sei se há mais algum pedido de intervenção.

Sr. Presidente, acho que este assunto já está a ficar suficientemente esclarecido.

Presidente do Executivo: Muito obrigado!

Não, aliás, até era por causa das dúvidas que o Sr. Eduardo Lopes falou. Até se justifica. E eu vou fazer, de facto, esse convite, um dia destes, agora quando formos fazer calcetamentos. E sempre quero ver se os senhores membros da

Assembleia nos dão o prazer da vossa presença, para assistirmos a uma sessão de calcetamento e o nosso calceteiro explicar como é que aquela situação vai ser feita.

E neste momento passo a palavra ao Sr. João Carvalhosa que queria acrescentar algo, se faz favor.

João Carvalhosa: Eu queria só dizer, dar uma nota, porque o passeio é um dos meus pelouros.

Só para dizer, que de facto, não é a mesma coisa que era há 50 anos atrás, como é óbvio. Porque qualquer um de nós que tenha um bocado de calçada e não ponha o carro lá em cima, sabe por exemplo que a calçada tem de ser feita de uma forma, quando se mete o carro em cima tem de ser feita de outra.

E o grande problema da cidade de Lisboa é que os passeios, como estão feitos, não estão preparados para ter carros em cima. Para ter carros em cima têm de ter uma preparação diferente, do que o passeio normal, para nós passarmos no dia-a-dia. E aí o grande trabalho. Os novos buracos são por causa dos carros, e por causa dos camiões do lixo que dão a volta por cima do passeio e que estragam a curva.

De facto há uma série de novos factores que dantes não existiam, enfim, que nós tentamos ajudar.

Eu só para terminar, queria, enfim, ajudar a terminar este tema só com uma nota que já foi referida há bocado. Não sei se pelo Sr. Alves Coelho, que era a questão dos nossos fregueses. E dar a nota positiva de que os nossos fregueses colaboram imenso na reparação dos passeios, através de alertas, seja aqui para a Junta, e nós recebemos com muita frequência alertas, “está o passeio de uma rua levantado, está o passeio daquela...”, seja através da linha da Câmara que é o LX Alerta, e a Câmara alerta para nós. Eu acho que o trabalho que os fregueses têm feito aqui na Freguesia é um trabalho fantástico a ajudar-nos. Porque apesar das voltas todas que nós damos, é sempre mais uma ajuda e o grande mérito também é deles.

Presidente da Mesa: Muito obrigada!

Penso que não há mais pedidos de esclarecimento.

Penso que, pelo menos, nesta discussão foi importante tomarmos conhecimento que efectivamente é um problema que envolve toda a Freguesia, inclusivamente os fregueses. Que o assunto está a ser, neste momento, pelo menos, tratado com celeridade e com regularidade, que é aquilo que se pretende que seja feito. Agora, vou de imediato passar para o 2.º ponto da ordem de trabalhos: “Informação Escrita do Presidente”.

Alguém quer pedir a palavra? Não?

Então vou passar de imediato para o ponto 3: “Informações Diversas”. Aceito inscrições.

Sr. Fernando Costa! Mais alguém? Sr. Fernando Costa.

Fernando Costa: Ora, sobre este ponto da ordem de trabalhos, eu queria pôr aqui uma série de questões ao Executivo, que são as seguintes: li aqui na acta anterior que foi aqui aprovado o inventário, que foi apresentado, e que não estava no inventário, ainda, mencionado o terreno que foi doado à Junta de Freguesia, com o valor de 355.856,17€. A minha questão aqui põe-se no

seguinte: diz aqui que “foi avaliado com o critério dos técnicos, eu acho que vale mais, mas foi o que foi avaliado”. E a questão que eu ponho é que técnicos, é que fizeram esta avaliação. Quem foram esses técnicos que fizeram essa avaliação. Porque estou plenamente de acordo, que aquele terreno no Bairro de Belém não é só 355 mil euros que vale. Portanto acho que foram uns técnicos com uma avaliação muito, muito mazinha.

Em segundo lugar, gostava de pedir, depois, ao Executivo uma cópia da Escritura pública que foi efectuada. Que gostaria que fosse apresentada a mim ou à Assembleia. Mas eu, pessoalmente, gostaria de ter cópia dessa Escritura pública que foi feita pela Junta acerca da doação deste terreno.

E outra situação que tenho, já a seguir, é que há cerca de duas horas passei lá pelo terreno, e é um terreno que, segundo o que aqui diz, desde Julho que pertence à Junta de Freguesia. Não sei se o Sr. Presidente, nesses seus passeios que dá de mota, se passa por lá e vê em que estado é que está aquele terreno. Ou seja, aquilo é uma lixeira autêntica. Além de não estar nada limpo, das ervas que nascem, está cheio de lixo, sacos mesmo de lixo e de entulho. Penso que se desde Julho que a Junta de Freguesia tem aquele terreno, praticamente há um ano, já podiam ter limpo o terreno. Vedado o terreno, à espera que a obra fosse efectuada. Porque penso que iria melhorar a qualidade de vida dali, do Bairro de Belém, na medida em que, se tiverem oportunidade de passar por lá, vêem aquilo a que me estou a referir. Mais a mais, sendo, um terreno da Junta, é muito mau ver aquilo naquele estado.

Outra questão que eu queria pôr, vou pôr as questões todas e depois no fim gostaria que me dessem a resposta, era perguntar também ao Executivo se sabem o que é aquilo, que eu não consigo definir, o que é aquilo que está em frente ao Museu dos Jerónimos, com umas lâmpadas fluorescentes e uns pneus pendurados, o que é aquilo, porque eu não consigo definir o que é aquilo. Aqui no Mosteiro dos Jerónimos, em frente, na Torre de Belém, já li que aquilo é uma obra da não sei quantos, que pendurou lá umas bóias a imitar os colares e não sei que mais. Na Torre de Belém! Gostava, de ver se o Executivo me consegue responder acerca dessa situação.

Outra situação, era se o Executivo tem informações da actividade da SRU, se tem informações sobre o trabalho e sobre a actividade que a SRU tem feito na nossa Freguesia, Serviço de Reabilitação Urbana. Porque além dos papelinhos que logo no início começaram a colar, nas paredes dos prédios todos, a partir daí nunca mais se ouviu nada da SRU. Uma outra questão, era sobre o túnel de passagem, mais uma vez queria aqui referir, o túnel de passagem para o Padrão dos Descobrimentos, que há muito tempo que está degradado. Além de limpeza, a degradação dos anos, impedem que aquilo continue a ser, um sítio que não dignifica nada a nossa Freguesia. E se poderia, eventualmente, pedir neste caso à Câmara Municipal que fizessem um arranjo naquele túnel. Mas o que mais me preocupa naquele túnel, também, é que há umas fissuras no tecto, que os comboios passam e com os anos, há lá umas fissuras que não sei se um dia não poderão causar qualquer acidente ali dentro do túnel. E dava a sugestão, ao Executivo, visto que temos um acordo, temos uma assessoria dos Bombeiros Voluntários de Campo de Ourique, se eles poderiam pelo menos lá pôr uns selos para ver se aquilo estava a continuar a abrir, aquelas fissuras que estão, ou se aquilo está estabilizado. Era só!

Presidente da Mesa: Obrigada! Sr. Presidente.

Presidente do Executivo: Muito obrigado, Sra. Presidente, senhores membros da Assembleia.

Vamos começar pelo Inventário: o inventário, da última vez que veio cá à Assembleia, ao princípio, de facto, não estava previsto mas depois veio um aditamento, e está previsto já esse terreno. Esse terreno, atenção, fala no valor de (...) Pronto, o que se passa é o seguinte: aquele terreno não sei se se lembram da história, mas é o seguinte: o valor que... aquilo tinha um valor quando era do INH, Instituto Nacional de Habitação, primeiro era INH e depois IGAP. E na altura do IGAP, o terreno era um conjunto, era um todo e fez-se então o loteamento. Foi aprovado pelo Governo, o loteamento. E nesse loteamento resolveu-se o lote 1, lote 2 e lote 3, mais o jardim. O lote 1 e o lote 2 eram 6 moradias, mais 7 moradias, e o lote 3 o Centro Social da Junta, mais o terreno. E para quê? Para depois, com base nisso, aquilo poder ir a Concurso Público. Foi a concurso público, não foi lançado por nós, foi lançado pelo IGAP, e foi adquirido no seu conjunto por 350 mil contos. Quem adquiriu foi a empresa Sotencil. Houve 10 pessoas que levantaram caderno de encargos, não, 10 pessoas pediram o caderno de encargos, depois só 4 é que fizeram ofertas. E a que fez melhor oferta foi, por 350 mil contos, a empresa Sotencil. Ao Instituto, ao IGAP. O IGAP recebeu esse dinheiro, e essa empresa sabia de antemão que depois, sendo proprietária daqueles terrenos, teria que suportar os custos da execução de um jardim público, aberto à população de Belém e do Centro Social da Junta de Freguesia. Bem, isto foi feito, teve algumas vicissitudes na altura, e depois fizemos, posteriormente, uma escritura pública, que depois podemos arranjar cópia, temos o original e também umas cópias lá dentro, uma escritura pública de doação, de doação do IGAP para nós, do Lote 3, onde vai ficar o Centro Social. Portanto, esta Junta já é, neste momento, proprietária, ao contrário dessas instalações que são arrendadas, somos proprietários do terreno aqui no centro do Bairro de Belém, para aquela finalidade, para o Centro Social. Isso foi feito, já foi registado, na Conservatória. O valor daquilo, não sei quem é que deu o valor, isto é, estava nas cadernetas, com certeza, não fui eu que fui inventar aquele valor. É um valor que foi feito na altura da Escritura, como é evidente não sou eu, não sou perito imobiliário, mas, não tive qualquer interferência nessa questão desse valor. É um valor que eles dão para a caderneta predial e o valor que o terreno tem neste sítio e para a finalidade que vai ter. Mas isso a todo o momento pode ser feita depois uma avaliação, portanto... Sei que, pelas minhas contas, posso-lhe dizer que quando aquilo estiver pronto poderá valer meio milhão de contos, quase meio milhão de contos. Depois do Centro Social pronto, quase meio milhão de contos. Só o Centro Social, que é um património que nós geramos aqui para a Junta. Mas, neste momento, posso-vos dizer se viram na informação escrita, na semana passada, acabámos de receber já os projectos aprovados. Aprovados não, elaborados, já os projectos de especialidade todos, sem excepção, todos. E tenho-os ali para agora ver com os empreiteiros, para se entregar na Câmara de Lisboa, não sou engenheiro mas sei que é a fase final. Agora entram os projectos de especialidade (...) Então o que é? Pensei que quisesse saber quando é que a obra vai (...) eu vou-lhe explicar. A obra vai começar para a semana, se calhar. Mas o que é que quer que eu responda, diga lá!

Fernando Costa: Dá-me licença? Desculpe!

Presidente do Executivo: Eu estou a falar, interrompe-me. Ainda não acabei. Eu estou a dar uma sequência lógica, para o esclarecer das situações.

Fernando Costa: Mas não está a responder à minha pergunta.

Presidente do Executivo: Mas eu ainda não acabei, como é que quer que já tivesse respondido? Vai ver que se esperar, um bocadinho, vai-me dar razão. Nós estamos num estado democrático, também posso falar, não? E se eu vejo aqui algumas acusações, pedidos de informação / acusações, portanto tem que ouvir, a verdade dos factos.

Estou-lhe a dizer o trabalho que se tem feito. Neste momento, o que eu vos quero referir é que, de facto, aquilo está como sempre esteve, uma lixeira. Como sempre esteve nos outros Executivos, também. Mas é que agora é nosso, na altura não era vosso, neste momento é nosso. E estive a falar com o empreiteiro, para começarmos a fazer uma limpeza, naquela zona já. E ele esteve-me a dizer que desde que entregue aquilo, é natural que no espaço de 15, 30 dias possamos começar os trabalhos naquela zona. O que é que isso implica, começar os trabalhos? Obviamente é uma questão prévia, é limpar toda aquela zona. Portanto nós estamos atentos. Soubemos, de facto, que houve um número de pessoas a fazerem obras, aí numas casas, meteram lá detritos de algumas casas lá dentro. Sabemos isso, sabemos que é uma situação ainda indefinida, como sabe, está neste momento a ser mudada a legislação dos resíduos de obras. A partir de agora qualquer pessoa que queira fazer uma casa e que vá pôr os resíduos e por aí fora, uma coisa que não acontecia, mas vai começar a ser obrigatório, porque ainda não existem sistemas de recolha de resíduos de construção civil, mas vai começar a haver já muito em breve. E por isso nesse aspecto, se está neste momento como está, como sempre esteve, em condições de limpeza precárias, nós vamos dar a volta a isso. E vamos limpar aquilo melhor para se poder começar de imediato, no próximo mês, estou convencido, as obras do futuro Centro Social da Junta de Freguesia de Santa Maria de Belém.

Portanto, era isso que queria saber, não era? Porque é que estava sujo (...) Não? Mas sobre esta matéria está esclarecido?

Fernando Costa: Não, a primeira matéria que eu apresentei.

Presidente do Executivo: É dos inventários. Mas qual avaliação? Isso está na caderneta! Isso está na caderneta predial, com certeza, do terreno.

Fernando Costa: Mas o senhor tinha dito aqui que os técnicos é que fizeram essa avaliação.

Presidente do Executivo: Não, não! Quais técnicos?

Fernando Costa: Foi dito pelo senhor, aqui na acta anterior.

Presidente do Executivo: Não, eu explico: o Instituto IGAP, que era o proprietário do terreno, é que arranjou um preço. O IGAP, Instituto de Gestão de Património do Estado, já foi extinto, agora tem outro nome, INH. O IGAP é que avaliou o terreno, quando era proprietário, e pôs em concurso público. Para pôr em concurso público, aquilo tinha de ter um valor. Isso foi tudo tratado pelo IGAP, não fomos nós. Nós só recebemos depois a dívida. Como deve calcular eu não vou dizer: “não quero, não quero!” Ofereceram-nos e ficámos com aquilo, com o valor que aquilo tem. Agora, o valor, foi o IGAP e os seus técnicos que são das pessoas mais reconhecidas na matéria, como sabe, na altura deu. E se está aí esse valor, com certeza foi o IGAP que o meteu, na altura em que foi feita essa escritura. De compra e venda, o contrato.

Fernando Costa: Desculpe lá, Sr. Presidente, a minha questão, eu estava-me a referir ao que está aqui escrito na acta. E aqui na acta o senhor diz: “tinha-me esquecido de transmitir à técnica para pôr no inventário, portanto, o valor deste património que a Junta passou a ter” e em que diz que foram os 355.856€, diz que foram avaliados com os critérios dos técnicos.

Presidente do Executivo: Sim, sim, está bem! Eu acho que vale mais, mas foi o que foi avaliado.

Fernando Costa: E a minha pergunta foi que técnicos...

Presidente do Executivo: Que técnicos é que fizeram essa avaliação. Foram os do inventário (...) Isso foi o IGAP. Repare uma coisa, há aqui duas questões. Desculpe lá, há aqui duas questões que estão a fazer um bocado de confusão e que são o seguinte: há o técnico que faz o inventário, que tem de ir buscar a avaliação, tem de fazer a avaliação também disso. Mas como é que faz a avaliação? Vai ver as cadernetas prediais, vai ver como é que as coisas estão lá no local (...) isso não sei. Eu só sei uma coisa: que é nossa e que na altura, com base no valor tal, foi vendido o conjunto pelos tais 350 mil contos, em que aquilo é uma terça parte, digamos. Agora não estou a ver se era mais, se era menos do que os outros, em termos de metros quadrados. (...) Não! O inventário...

Fernando Costa: Parece-me que isto foram os técnicos do inventário, que é o que o Sr. Presidente está a dizer, é que foram à procura de elementos para dar este valor, não é?

Presidente do Executivo: É sempre assim que funcionam as coisas, devem ter ido aos elementos do IGAP para ver qual era o valor que estava lá.

Fernando Costa: Pronto!

Presidente do Executivo: Pois (...)

Presidente da Mesa: Isso é o que está aí escrito na Escritura.

Presidente do Executivo: Foi o que eu disse, a caderneta predial. Foi o que eu

disse.

Presidente da Mesa: Eu acho que (...) avançamos para outra questão. Isso deve estar na matriz e deve ser esse o valor que está indicado. Penso que essa é uma falsa questão, vamos dar continuidade ao esclarecimento.

Presidente do Executivo: Bem, posso continuar? Nesse aspecto, estou perfeitamente à vontade porque não fomos nós que demos o valor, foram os técnicos da IGAP que avaliaram. Foram os técnicos que fazem o inventário que foram ver os elementos e que meteram esse valor. Só sei uma coisa que é certa: é que aquilo já cá está na nossa propriedade. Isso aí é que é muito positivo, acho que devíamos estar todos contentes.

Estado de limpeza do terreno também já falei.

SRU. Bem, as SRU's como sabem, até agora havia 3 SRU's em Lisboa e neste momento, eu sei que a administração, as administrações das SRU's, foram todas chamadas à Câmara, ao Sr. Vereador. Penso que para apresentar cumprimentos de despedida porque vão ser extintas todas. E acho que, em princípio, ficará uma, que até é aqui na nossa Freguesia. Escolheram esta instalação que estava a acabar de ser feita na Rua da Correnteza e que era a SRU Ocidental. Que vai ficar a sede de todas as SRU's. Como uma vez fui lá ver aquilo com o Director Municipal, pôr uma outra hipótese que estava aqui em jogo, estava a acabar de ser feita a sede, e eles instalaram-se ao fim de 2 dias. Quanto ali ao Padrão dos Descobrimentos, o túnel: de facto está sempre bastante degradado. É um túnel que, como alguém aqui disse, de facto, infelizmente tem funcionado como casa de banho, o cheiro assim o indicia. Mas de qualquer forma, posso-vos também dizer que estou, neste momento, a tratar, com a Direcção Municipal do Ambiente Urbano, uma hipótese de pôr um painel grande. Por causa do Lisboa Experience, que está no Padrão dos Descobrimentos, publicidade àquilo, vamos ter contrapartidas e de maneira que implica limpar aquilo e o alargamento está previsto ser feito naquela zona. Isto foi-me dito pela Câmara. O alargamento para quê? Para possibilitar também bicicletas e deficientes poderem passar por ali. Posso-vos dizer uma coisa: é triste, já que estamos a falar nisto, porque na altura apresentei uma coisa sem grandes custos, que era nesta passagem aqui, pôr um carril para as bicicletas passarem à mão nestas passagens pedonais. Nós pagávamos tudo, e fui impedido pelo Vereador Sá Fernandes de fazer isso, mas já percebi porquê. O Vereador Sá Fernandes na altura disse que era preciso a CP autorizar, aquilo e *acoloutro*, "espere um bocado...", e até agora nada. Tenho que voltar a falar com ele mas já percebi que isto deve ser para não, por causa daquele projecto das bicicletas, para não ensombrar esse projecto das bicicletas que estão a pensar fazer aí na zona marinha. E realmente aquilo que tinha proposto, há quase um ano que já estava feito, mas há meio ano que já estaria a funcionar. Mas como eu sou teimoso, vou insistir, e qualquer dia meto aquilo mesmo directamente sem pedir autorização a ninguém e depois que vão lá arrancar. Paciência!

Quanto à questão do túnel dali, eu também sou bombeiro, sou dos bombeiros de Campo de Ourique, como sabe. Mas não é tarefa dos bombeiros de Campo de Ourique, é tarefa do Regimento de Sapadores dos Bombeiros. O Regimento Sapador dos Bombeiros é que tem essa matéria, de ir lá verificar isso. Nós

podemos alertar o Regimento Sapador dos Bombeiros para ir lá verificar se aquilo está em perigo ou não. Agradeço a sua contribuição. Isso será feito. Muito obrigado!

Em frente aos Jerónimos: vou-lhe dizer uma coisa, ao princípio pensei que era uma peça de arte. Depois pensei: Não, isto deve ser para estar a trabalhar com luz e limpar aquilo. Mas também não vejo lá ninguém a limpar. E agora há muito tempo que estou para perguntar à Conservadora do Mosteiro dos Jerónimos o que é aquilo, de facto. Também não sei. Não sei! Mas também lhes posso dizer uma coisa, que no outro dia mostrei a minha admiração, porque tiveram lugar aqui na nossa Freguesia 2 eventos, que nós não soubemos de nada. E foi muito desagradável, porque um foi com a Skoda, ali naquele parque de estacionamento da Universidade Lusíada, ao pé da Avenida da Índia, tudo cheio de Skodas, não tivemos uma única palavra sobre o que se passava lá. Mostrei o desagrado, junto do Sr. Vice-Presidente da Câmara, que fiquei um bocado incomodado e que nos podiam ter dado conhecimento. Nada! E de maneira que ele aí: “Ah, mas já estavam a acabar e tal, eles pagaram bem, tivemos cá pessoas de todo o mundo. Teve de ser feito! Tudo bem! Eu até percebo que a Câmara queira fazer algum dinheiro. Mas pelo menos informe, para nós podermos avisar as pessoas. Tenham um pouco de respeito pelas freguesias. Logo a seguir telefona-me o Sr. Prior de Belém, do Mosteiro dos Jerónimos a perguntar o que é que se passava aqui em frente. Eu disse: “olhe que eu também estou a tentar ver o que é que se passa”. Era o Sr. Oco, a apresentação do Sr. Oco, eles compraram o hotel todo. Ainda está aqui a proibição de estacionar, de uma ponta à outra, na Rua dos Jerónimos até lá acima. Também não fomos, nem avisados, nem achados. Também já mostrei o meu desagrado ao Vice-Presidente, Mário Perestrelo, sobre essa matéria. Mas antes, por acaso, liguei para o Director Municipal que tem essa matéria, Ângelo Mesquita, que também não sabia. Foi ver o que se passava, “isto foi aprovado pelo Director Municipal do Tráfego de Segurança e Protecção Civil, que não tinha competência para autorizar, só tinha competência para dar parecer, porque para autorizar éramos nós e a Direcção Municipal do Ambiente Urbano. Mas ele enganou-se e aprovou aquilo e agora estamos a tentar corrigir”. Falei isso ao Dr. Perestrelo. Entretanto está-se a regularizar uma situação, de facto, que existe, que nós também não fomos avisados e que pelos vistos o Director Municipal do Ambiente Urbano, que superintende a matéria e que autoriza o espaço público, a gestão do espaço público, também não foi avisado. Não fomos só nós os enganados. E está neste momento a terminar essa iniciativa. Enfim, as freguesias sofrem.

Posso-vos dizer, garanto-vos que vou tentar, não é uma coisa que eu tenha posto como prioridade, mas realmente já há muito tempo que estou para falar sobre isso. Não, não faço ideia do que é que é aquilo. (...)

Posso dar um esclarecimento? Já tenho aqui a fotocópia. O valor que foi dado ao terreno, na escritura, o valor que foi dado foi 341.637,06€. Portanto, o valor foi este que a técnica, que faz o inventário, foi ver e que colocou lá. É o valor previsto pelos homens do Instituto, agora não é o IGAP, é o que substitui o IGAP. (...) Não é INH não, é outro. É o Nuno Vasconcelos o presidente, morava aqui na nossa Freguesia. É IHRU, assim uma coisa, Instituto de Habitação e Reabilitação Urbana. Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana, é isso, IHRU. Exactamente!

Presidente da Mesa: Pronto! Mais algum pedido? Sr. Fernando Costa e depois...

Fernando Costa: Só queria...O valor que ficou aí em inventário foram mais uns euros, foram 355.856€. Portanto isto é o valor que ficou. Mencionado pelos técnicos do inventário. Queria só aqui, resumir de todos os meus esclarecimentos, de todos os meus pedidos de esclarecimento. Sobre os técnicos foi dada a resposta. Pedi depois a cópia da Escritura Pública, que gostaria que, depois, me fosse fornecida. Sobre a questão do terreno, mais uma vez o Sr. Presidente disse que é para o mês que vem. Vamos ver então se para a próxima Assembleia, que vai ser em Setembro, se aquilo está limpo.

Presidente do Executivo: Eu não falei em meses, desculpe lá! Eu disse que...

Fernando Costa: Dentro de um mês.

Presidente do Executivo: Eu penso que sim, vão-se iniciar as obras.

Fernando Costa: Foi o que disse.

Presidente do Executivo: As obras!

Fernando Costa: E que, automaticamente limpam o terreno. Então vamos lá a ver se não vai ser preciso, daqui a um ano e meio, pedir um inquérito aqui à Mesa da Assembleia, acerca desta situação também. Porque aquilo está há muito tempo sujo, e agora ainda mais sujo com aquilo que eu lá presenciei há pouco. Como disse, sacos enormes de lixo e entulhos que foram lá deitados. Porque isso propicia, ali muita rataria e muito bicho no local, com certeza. Sobre a questão em frente aos Jerónimos, fico depois a aguardar a resposta. Também daquele monumento em frente ao verdadeiro monumento. Sobre a SRU fiquei sem saber de nada.

Presidente da Mesa: Isso foi respondido também. Foi respondido, Sr. Fernando Costa.

Fernando Costa: Houve uma fusão, não foi?

Presidente da Mesa: Mas isso foi referido.

Presidente do Executivo: O que eu disse é que estava prevista a fusão das SRU's. O que eu lhe posso dizer é que soube que, no outro dia, as administrações de todas as SRU's foram chamadas à Câmara. E que o objectivo era de dizer que prescindiam dos serviços delas e que iam extinguir todas. E depois vão nomear outra para depois porem cá quem quiserem. Mas isso iria ser feito. Já havia uma administração que já era praticamente comum a duas, já com alguns elementos. E entretanto foi nomeado, há pouco tempo, o Director Municipal, qualquer coisa Catarino, da parte Urbanística. Foi nomeado agora administrador também. Era o que faltava para esse lugar. E de maneira,

penso que já estão a funcionar. E que será essa administração que irá ficar com tudo o que era feito pelas 3 empresas anteriormente. Mas isso estou a dizer uma informação que eu soube no outro dia. De pessoas dentro dessas empresas que me disseram o que se estava lá a passar. E que também já tinha tido informações por outras vias, penso que isso se iria concretizar dessa forma, fica apenas uma.

Presidente da Mesa: Muito obrigada, Sr. Presidente.

Fernando Costa: Ainda não acabei, Sra. Presidente! A questão é a seguinte: eu levanto esta questão da SRU na medida em que quando veio aqui, pela primeira vez, a esta Assembleia que ia ser nos serviços da SRU que iria funcionar, não sei se se recorda Sr. Presidente, foi aqui até falado nesta Assembleia que se ia arranjar uma comissão que acompanhasse os trabalhos da SRU, que foi de imediato repudiado pelo Executivo desta Junta, dizendo que “não senhor, nós estamos cá e nós vamos acompanhar os trabalhos da SRU e daremos depois informação à Assembleia sobre o que é que a SRU anda a fazer.” E eu estou a levantar a questão precisamente porque essa informação nunca mais chegou, não é?

Presidente da Mesa: Mas por acaso eu acho que já foi falado várias vezes isso. É uma coisa que todos nós temos conhecimento. E penso que até já foi dado em Assembleia que o Executivo continua cá, mas a Câmara continua lá e as coisas mudaram, as vontades são outras e já foi aqui também dado conhecimento que as pessoas estavam em remodelação há uns tempos atrás.

Fernando Costa: Foi mais por essa razão até que eu queria saber o que é que estava a acontecer, qual era a actividade desde que o Executivo se tinha prontificado a acompanhar as actividades da SRU. Já foi respondido e já estou satisfeito com a resposta.

Presidente do Executivo: Nesse aspecto, aliás está na Internet, se vir no site da SRU Ocidental está isso. Agora, esta nova SRU vai ser criada, vai herdar todas as actividades das 3 anteriores. Portanto, não está nada parado. Aqui, por exemplo, havia 11 zonas de intervenção, mais duas que estavam a acabar de ser lançadas, 13, e vai-se manter tudo. Ainda por cima é a mesma vigência da SRU Ocidental que vai ficar com todas as outras SRU's. E, portanto, isso vai-se manter, mantêm-se essas zonas de intervenção e se vir lá no site aparece lá informação sobre isso. Eles já cá vieram falar connosco, já aqui há uns tempos, de facto, mas pelas pessoas que vão lá ficar à frente, para já, penso que vai-se manter tudo. E vão herdar isso e vão continuar a fazer esse trabalho.

Presidente da Mesa: Sr. Alves Coelho.

Alves Coelho: Ora, em primeiro lugar, é aqui um esclarecimento ao Sr. Presidente, também nós podemos dar esclarecimentos, sobre esta utilização do espaço público. É que não foi só na Freguesia de Belém que houve espaço público ocupado. Outras freguesias da cidade tiveram espaço público ocupado e em condições muito piores, com o impedimento da circulação dos próprios

moradores das zonas. Questões que deviam ter ido a sessão camarária e não foram, houve despacho de vereadores, etc. Esse Vereador Perestrelo também estava metido nisso e houve até uma tomada de posição dos vereadores do PCP. Portanto, pode até consultar a documentação sobre o assunto, que de facto houve ali umas negociatas pouco claras em relação a esta utilização do espaço público. É só para dizer que, de facto, isto teve outra amplitude.

Por outro lado, queria aproveitar para, na sequência da colocação, penso, de corrimãos nalgumas escadas, na zona do Bairro do Restelo, segundo fui informado por um morador, que fizeram uma colocação de corrimãos para facilitar a deslocação dos moradores a determinadas zonas. Solicitava que, também, estudassem a possibilidade de vir a ser colocado um equipamento deste tipo nestas escadas, que estão em frente ali ao Belenenses e que fazem a ligação da Rua das Terras com o acesso à Carreira 28. Aquilo não tem corrimão, estão lá uns apoios baixos. (...) Antes de chegar ao Ministério, sim! Tem um apoio muito baixo, ver a hipótese de colocação de um corrimão que facilite a deslocação, porque a escada é bastante íngreme. Portanto, é uma questão a ser vista para o futuro. (...) Não, a Rua das Terras... aquilo não tem nome. A Rua das Terras, ao fim da EPAL. Porque a Rua das Terras terminava onde era o aquartelamento, não é? E depois é um banco ou um armazém de um banco. Chama-se Rua das Terras àquilo mas aquilo não é nada. (...) Não, já está aberto há muito ano. (...) Sim! É encostado ao muro das águas. (...) Não, para apanhar o 28. (...) Não tem!

Presidente da Mesa: Mais algum pedido? Não?

Não havendo mais pedidos e tendo cumprido hoje a ordem de trabalhos, ainda são só 23:20, estamos de parabéns!

Eu propunha que a próxima Assembleia, que agora vamos todos de férias mas em Setembro cá estaremos, fosse no dia 26 de Setembro. Se houver alguma alteração, faremos chegar informação de forma oportuna a toda a gente. Dia 26 de Setembro, que é uma quinta-feira. Uma sexta-feira? Então só um momentinho. Então, a pedido aqui do Executivo que vai ter o Belém Vólei nessa semana, vamos agendar a próxima Assembleia para dia 30 de Setembro, que é uma terça-feira. E desde já desejo ao público, ao Executivo (...) Só um minutinho.

Alves Coelho: Relativamente à ordem de trabalhos dessa sessão, que também não tem ordem de trabalhos específica, e que era a seguinte: que se aproveitasse essa Assembleia para ser aqui trazido a informação ou relatório, pode ser escrito ou oral, por parte da Assistente Social, daquilo que tem sido a sua actividade. Foi um assunto que já nós aqui também levantámos, gostávamos de saber. Que isso viesse na sequência de saber que tipo de apoio social, qual tem sido o apoio social da Junta, junto com que entidades, etc. Há moradores que têm solicitado um pouco que esse assunto seja debatido e poderíamos aproveitar essa sessão para tratarmos deste assunto.

Presidente da Mesa: Parece-me uma boa sugestão. Penso que é um assunto que diz respeito a todos nós e sei que o Executivo também tem desenvolvido um grande esforço nesse sentido. É uma proposta que, desde já, a Mesa aceita e pede aqui ao Executivo para que haja uma informação mais

circunstanciada, sobre a actividade desenvolvida pela Junta de Freguesia, nomeadamente pela Assistente Social e pela equipa da Assistente Social. Porque no fundo não é só uma pessoa, sobre esse assunto.

Agora desejo aos presentes, ao público e a todos nós, membros da Assembleia e do Executivo, umas boas férias e cá estaremos em Setembro. Muito obrigada a todos!

(A sessão foi dada por encerrada às onze horas e vinte e cinco minutos)

A Presidente da Mesa

Eugénia Dantas O'Santos

O Primeiro Secretário

Gonçalo Silvério Marques

O Segundo Secretário

Carlos Ataíde Garcia